



SÉRGIO VILAÇA - 2020

OUSAR A DESOBEDEIÊNCIA EPISTEMOLÓGICA E O EXERCÍCIO DESCOLONIAL DE PRÁTICAS ARTÍSTICAS INTERFERENTES

DARING EPISTEMOLOGICAL DISOBEDIENCE AND THE DECOLONIAL EXERCISE OF INTERFERING ARTISTIC PRACTICES

José Carlos de PAIVA

RESUMO

Perante os tempos avassaladores que enfrentamos, num mundo-todo, questiona-se porque continuamos ordeiramente a obedecer a modos de vida, construídos numa história dominada e escrita pelo ocidente, branco, patriarcal e colonizador que apenas gerou o fracasso de uma sociedade que assiste impávida à destruição acelerada da natureza, à ampliação desmesurada da discriminação, à destruição da possibilidade de futuro. E, ainda, como no terreno da Educação Artística, se podem prolongar as práticas reprodutoras de saberes já construídos, de nos iludirmos sobre a sagrada missão da arte, se esta se volta para si própria e se isola de um relacionamento para fora de si, e apenas desejarmos ostentar nossos feitos inócuos na perseguição de um lugar no mercado ou o nome exposto numa instituição? Seremos capazes de ousar a desobediência, o desconforto de uma leitura de cada um de nós do que o colonialismo nos integra e assumir um compromisso ético e epistemológico com a descolonialidade?

Palavras-chave: Descolonialidade, desobediência, interferência.

ABSTRACT

Before the overwhelming times we face, in a whole-world, it is questioned why do we continue to obey in an orderly manner to ways of life, constructed within a history dominated and written by the West, white, patriarchal and coloniser, that has solely spawned the failure of a society that passively watches the accelerated destruction of nature, the excessive expansion of discrimination, the destruction of the possibility of future? And how, within the field of Arts Education, can the reproductive techniques of already known knowledges be prolonged, how can we ilude ourselves about art's sacred mission, if it revolves inwards itself, isolating itself from an external connection, how can we flaunt our innocuous achievements in search of a place in the market or a name displayed in an institution? Are we able to dare to disobey, to dare to uncomfortably read ourselves within colonialism's assimilation, and to assume an ethical and epistemological commitment to decoloniality?

Keywords: Decolianility, disobedience, interference.

- José Carlos de Paiva é professor na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e investigador no Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS).PhD.

OUSAR A DESOBEDIÊNCIA EPISTEMOLÓGICA E O EXERCÍCIO DESCOLONIAL DE PRÁTICAS ARTÍSTICAS INTERFERENTES

Escrever para esta revista (Revista Cidade Nuvens) que se inicia corresponde, desde já, a acreditar numa decisão arrojada que alimenta a necessidade de se discutirem os grandes dilemas que a Educação na área das Artes enfrenta, face aos dilemas deste tempo controverso, no qual o pensamento livre e o exercício desobediente (criativo) é desvalorizado, por temor de sua imanência transformadora.

Pessoalmente, o relacionamento alimentado com o trabalho educativo e de pesquisa realizado no Centro de Artes da URCA, constituem-se num estímulo ao desenvolvimento partilhado de permanentes inscrições nos desígnios que se apresentam como comuns.

Entendo, assim, a escrita deste artigo, como um diálogo que estabeleço com o leitor a partir do que um texto esclarece de um movimento de construção de conhecimento sobre o que se passa, sempre incompleto e transitório, e sobre os modos de intervenção que possibilitem um novo e comum devir.

“Os que permanecem e acenam, não sabem”.
(Paul Celan, *Em Viagem*, 1952)

A construção de conhecimento, aqui perseguida, aloja-se na prática e na reflexão partilhada com grupos de pesquisa, com estudantes de pós-graduação e com comunidades, distanciada da comodidade que a obediência ao estabelecido oferece, para uma inscrição no campo da experiência criativa e, portanto, desobediente, que não se satisfaz com o existente, e com os saberes consolidados que se vinculam aos tempos fatigados e esgotados em que vivemos, e procura entendimentos sobre a construção de possibilidades de outro devir, para a comunidade que vem (AGAMBEN, 1993).

Assinale-se o desconforto assumido que o texto transporta, perante o rumo que o domínio branco, patriarcal e colonial, construiu no Mundo, que o poder Ocidental sempre separou, em o-Mundo e em outros-mundos, e que agora se encontra todo-Ele, perante o seu próprio abismo, resultado das políticas gananciosas de discriminação desenfreada dos recursos e irrecuperáveis desequilíbrios ecológicos.

*“Ora bem, a Terra fatigou-se, o século XXI
será do esgotamento e do deserto”.*
(GROS, Frederic, 2019, p. 12)

Nora Merlin, no seu recente livro 'Mentir y Colonizar', nomeando estes tempos fatigados e esgotados em que vivemos como de neoliberalismo, entende-o como um novo tempo de servidão, fábrica de felicidades desafortunadas, de sociedades patriarcais com eficazes processos de controle social, sabendo arditamente e de modo sedutor atender às necessidades populares mais básicas, construindo as suas representações e moldando os seus discursos. Entre a 'servidão voluntária' (La Boétie) e a 'banalidade do mal' (Arendt), o sujeito, 'nestes tempos em que vivemos', se molda aceitando um estado dormente de 'obediência inconsciente'.

Ao descalabro social em que se vive, o estado de adormecimento, de obediência e de submissão, de conformismo ou de inação, e de atordoamento das respostas populares, deveria corresponder a uma imersão dos centros de construção de conhecimento em práticas criativas de desobediência epistemológica, procurando uma mais complexa compreensão do que se passa, não apenas no chão que se pisa, mas no todo-Mundo, no sentido em que os paradoxos que se nos colocam existem no comum. Entende-se, em particular no terreno da investigação em arte e na prática artística, ser preciso abandonar as posturas conservadoras e inócuas de redizer o já dito, da repetir o já feito, de pensar o já pensado, de obedecer ao naturalizado, e assumir a desobediência criativa e epistemológica e a prática de interferência no social.

A história da democracia moderna é, no fundo, uma história de duas faces e, até, com dois corpos - o corpo solar, por um lado, e o corpo nocturno, por outro. O império colonial e o Estado escravagista - e, mais especificamente, a plantação e a prisão - constituem os principais símbolos do seu corpo nocturno (MBEMBE, 2016, p. 42).

A própria história construída nas universidades ocidentais e as representações sociais que nos são apresentadas violentamente pelos meios de comunicação social, escondendo a violência colonial, o racismo e a discriminação, precisa de ser refeita, revertendo os valores que se naturalizaram, atinentes aos modos diferenciados de construir um conhecimento sobre o presente, que hoje emergem de investigadores nascidos na África, na América Latina, ou na Ásia, ou dedicados a uma compreensão descolonial das insurgentes epistemologias do Sul. "A única centralidade reconhecida pelas epistemologias do Sul não tem centro: é a centralidade das lutas contra a dominação capitalista, colonial e patriarcal, onde quer que ocorram (SANTOS, 2018, p. 205).

O próprio conceito de 'desenvolvimento', paradigma que gerou o sedutor consumismo demagógico e que prolongou o colonialismo para além da independência de muitos países antes colonizados, perante os estudos de muitos autores, principalmente da América Latina, precisa de ser entendido como causa do descalabro do todo-Mundo, e se poderem encarar outros modos de construção colectiva da 'felicidade' e de 'Bien Vivir': "A humanidade pode e deve aprender com os povos que têm convivido comunitariamente e em harmonia com a Natureza, e que acumulam uma longa memória de vida" (ACOSTA, 2016, p. 18).

"Há atrás de nós um brilho e uma coragem em defesa de uma universidade da criação, um combate intenso contra a lógica do mesmo"
(RAMOS do Ó, 2019, p. 27).

Ao estado geral de submissão dos sujeitos, neste texto evoco as pressões que são exercidas sobre a produção de pensamento nas universidades e nos centros de investigação, alimentando um inofensivo *produtivismo académico*, estimulando em contra-ciclo, o combate à “*obediência consentida*, da normalização dos saberes e da padronização da vida social no interior das instituições de ensino superior” (RAMOS do Ó, 2019, p. 22). Nas universidades, nas Escolas de Arte e nas unidades de investigação em Arte, o domínio da tradição e o poder do ‘mercado da arte’, alimentam, também em si, um espaço de submissão dos estudantes, que são coagidos a perseguir campos de aprendizagem reprodutores dos movimentos que na Arte a separam do mundo e a isolam num terreno inócuo de interferência social, evitando e iludindo o papel agonístico que as artes podem desempenhar na construção participada do mundo.

Defender uma universidade “*questionante e não totalizante*”, persegue o escrito por Lyotard, e por outros pensadores (Kant, Humboldt, Hegel, Heidegger, Derrida, ...) num movimento de liberdade que é ferozmente contrariado pela ingerência com que a política neoliberal interfere na vida universitária e na investigação, preferindo a apatia crítica e a manutenção de bafientas rotinas.

A preocupação que carrego para a minha investigação reside na consciência de que preciso de conhecer o que transporto dos valores hegemónicos da sociedade branca, masculina e colonial em que cresci, como artista, como professor e investigador, e que reconheço resultaram no fracasso em que o todo-Mundo se encontra, para uma atitude de partilha com cúmplices de procura e de escuta, de construção de epistemologias ousadas, desobedientes e descoloniais. Procura que apenas pode resultar de uma partilha entre investigadores, com os estudantes e com as comunidades, que integra as práticas de acção, de escrita, de docência, de orientação, de vida.

*“Um homem inteligente pode odiar o seu tempo,
mas sabe em todo o caso que lhe pertence
irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo”.*
(AGAMBEN, 2010, p. 20)

Transporto, para o que vou conseguindo entender, que molda um empenho optimista de interferência, uma angústia perante o estado do mundo e uma necessidade de me descolonizar do que ele me integra e tentar estabelecer o governo de mim próprio. Essas preocupações tornam premente enfrentar os dilemas com que a Educação Artística se confronta, situados, em si, por um lado no terreno das Ciências da Educação e por outro no campo da Arte.

No terreno das Ciências da Educação, cuja matriz colonizadora das aprendizagens tenta encerrar nos estudantes na reprodução dos saberes estabelecidos, dos *sábios ensinamentos* dos professores, na obediência. “*A afirmação soa mal. Para que serve, essencialmente, a escola? Nela aprendemos a obedecer*” (GROS, 2019, p. 26). Este sentido que a história da educação transporta ainda para os nossos dias, de valores não-relacionais que são antagónicos com a Arte, se a entendermos como um campo irradiante de insubmissão permanente, em particular para consigo própria.

Despojado finalmente de su aureola, el 'mundo del arte' pone la especulación abierta, impúdica, directa y sin adornos en el lugar del disfrute enmascarado de ilusiones estéticas, de fervores espirituales y de palabrería laudatoria. ¿Qué hay más "puro" y "verdadero" que el capitalismo financiero, que encuentra en el nicho del arte el microcosmos en que manifestar su auténtica naturaleza? (PERNIOLA, 2016, p. 14).

O movimento de isolamento da Arte para dentro do seu próprio campo, terreno de exibição envaidecida da genialidade dos escolhidos, de ostentação de um gosto diletante e de produtora de um discurso da incompreensibilidade, servil dos interesses políticos e administrativos de governos, museus e instituições de *declarado interesse público*, torna escondidas as práticas insurgentes, insubmissas e envolvidas com a possibilidade de se construírem outros caminhos para o mundo-que-há-de-vir, se se agir na urgência. "*A presença 'arte pela arte' é a arte que suspende as funções comunicativas e as hierarquias analógicas do universo representativo*" (RANCIÈRE, 2010, p. 432). Nas Escolas de Arte, esta é a discussão fundamental, a partir da qual se tem de dar voz e tempos de escuta ao que os estudantes transportam de suas vidas, impedindo o exercício de um poder instituído que lhes marca o caminho, o gosto e os modos de se entenderem na relação para fora de si.

DYo creo que necesitamos recuperar un cierto sentido de la contextualización política de la autonomía artística y su transgresión, cierto sentido de la dialéctica histórica de la disciplinarietà crítica y su contestación, para intentar de nuevo proveer a la cultura de un margen de maniobra (FOSTER, 2002, p. xiv).

Meu receio, como investigador e professor, como orientador de dissertações e teses de doutoramento, é exercer um poder, sedutor e dissimulado, que transforma os estudantes numa luta excludente e discriminatória a partir de processos de avaliação que resultam do uso das minhas controversas medidas e não permita, a cada um, o uso de suas escolhas, de seu modo singular de se entender e de se relacionar com o todo-Mundo.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **El Buen Vivir**: una oportunidad para imaginar otros mundos. Tradução de Tadeu Breda. O bem viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalem**: uma Reportagem sobre a Banalidade do Mal, Lisboa: Edições Tenacitas, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **A Comunidade que vem**. Tradução de António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

----- . **Nudez**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa, Relógio D'Água, 2010.

FOSTER, Hall. **Diseño y Delito**: y otras distribas. Tradução de Alfredo Brotons Muñoz, Madrid: Ediciones Akal, 2002.

GROS, Frederic. **Desobedecer**. Tradução de Miguel Martins. Lisboa: Antígona Editores Refratários, 2019.

La BOÉTIE, Étienne. **Discurso sobre a Servidão Voluntária**. Tradução de Manuel João Gomes, , Lisboa: Antígona Editores Refratários, 2016.

MBEMBE, Achille. **Políticas de Intimidade**. Tradução de Marta Lança, Lisboa: Antígona Editores Refratários, 2016.

MERLIN, Nora. **Mentir y Colonizar**: obediencia inconsciente y subjectividad neoliberal. Buenos Aires: Letra Viva, 2019.

PERNIOLA, Mario. **L'Arte Espansa**: el arte expandido. Tradução de Alfredo Taberna. Madrid: Casimiro Libros, 2016.

RAMOS do Ó, Jorge. **Fazer a Mão**: por uma escrita inventiva na universidade. Lisboa: Edições do Saguão, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **A comunidade como dissentimento** (in) A Política dos Muitos: povo, classes e multidão. Coordenação de Bruno Peixe Dias e José Neves. Lisboa: Tinta da China, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do Império Cognitivo**. Coimbra: Edições Almedina, 2018.